

REVISTAS LITERÁRIAS DO ROMANTISMO PORTUGUÊS: LEITURAS ALÉM DO CÂNONE

LITERARY MAGAZINES OF THE PORTUGUESE
ROMANTICISM: READINGS BEYOND THE CANON

*Eduardo da Cruz*¹

*Andreia Alves Monteiro de Castro*²

1 Professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando na graduação e na pós-graduação; doutor em Estudos de Literatura pela UFF, com tese sobre o Romantismo na Revista Universal Lisbonense de Antônio Feliciano de Castilho; líder do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, do Real Gabinete Português de Leitura; investigador colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; coordenador do projeto “Escritoras portuguesas na imprensa periódica brasileira: laços transatlântico de ação (1890-1930)” com apoio do CNPq (Edital Universal); bolsista PROCIÊNCIA UERJ (2018-2021); bolsista PQ2 do CNPq.

2 Professora Adjunta de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ; doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro com tese sobre a representação do criminoso na literatura e na imprensa oitocentista; membro do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura; investigadora colaboradora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

RESUMO: A digitalização de acervos inegavelmente favorece a preservação e o acesso de leitores, pesquisadores e discentes, sobretudo em relação a periódicos e a obras raras. A leitura online de jornais e revistas oitocentistas é uma das melhores formas de conhecimento do texto literário produzido por escritores canônicos e não canônicos. Sendo assim, projetos como O Real em Revista, que oportuniza literatura desse material tal como foi veiculada em seu suporte original, possibilitam novas e diferentes leituras. Nesse artigo, não só comprovamos a importância da digitalização, abordando a poesia difundida em revistas literárias do Romantismo português pouco conhecidas, tais como *A Lyra da Mocidade* (1849), *A Semana: jornal litterario* (1850-1852), *Miscellanea Poetica* (1851-1852) e *Hymnos e Flores: jornal litterario* (1862-1863), mas também abordamos a presença de certo erotismo romântico e da escrita de um número considerável de escritoras.

PALAVRAS-CHAVE: Revistas Literárias; Romantismo; Poesia; erotismo; autoria feminina

ABSTRACT: The digitization of collections undeniably favors the preservation and access of readers, researchers, and students, especially in relation to periodicals and rare works. The online reading of 19th century newspapers and magazines is one of the best ways to get to know the literary text produced by canonical and non-canonical writers. Therefore, projects such as O Real em Revista, which provides literature for this material as it was published in its original support, enable new and different readings. In this article, not only did we prove the importance of digitization, addressing a poetry disseminated in little-known Portuguese Romantic literary magazines, such as *A Lyra da Mocidade* (1849), *A Semana: jornal litterario* (1850-1852), *Miscellanea Poetica* (1851- 1852) and *Hymnos e Flores: jornal litterario* (1862-1863), but we also address the presence of a certain romantic eroticism and the writing of a considerable number of women writers.

KEYWORDS: Literary Magazines; Romanticism; Poetry; eroticism; women's authorship

As revistas literárias desempenharam importante papel na difusão de poesia. Ao unir determinados poetas, acabam, algumas, por dar ares de grupo ou geração ligados por algum motivo estético. No caso específico da História da Literatura Portuguesa, duas revistas acabaram por nomear dois momentos do Modernismo, a *Orpheu* e a *presença*. Ao longo do século XX, outros títulos foram se constituindo local de diálogo entre escritores, sobretudo os contemporâneos a cada publicação. No entanto, esses periódicos são herdeiros de uma associação entre literatura e imprensa que se instituiu ao longo do século XIX, sobretudo durante o longo período de predomínio da sensibilidade romântica.

Voltar os olhos, hoje, a algumas revistas literárias portuguesas de meados do Oitocentos permite conhecer autores e textos que foram abandonados no processo de formação do cânone, mas que tiveram seu momento de relevância, ao menos para o grupo ligado a determinado periódico ou a algum polo cultural regional. Essas publicações receberam, ainda no século XIX, a pecha de ultrarromânticas³, desvalorizando assim seu papel social, os escritores do período, mesmo os de maior destaque, e a produção poética de algumas gerações.

Há pouco mais de cem anos, mas já distante do período de produção aqui destacado, Fidelino de Figueiredo defendia a leitura e o estudo dos periódicos literários românticos:

As primeiras revistas, que appareceram, durante a epocha romântica, eram principalmente litterarias, biographicas e panegyricas, e formam hoje, com os seus retratos, uma curiosa e meritória galeria de individualidades, e uma suggestiva documentação para o conhecimento do modo de apreciar e julgar os homens e os factos coevos e do instincto psychologico que essas gerações possuíram. Quantas prophcias, quantos veredida exactos e quantos erros formidáveis se patenteiam nessas revistas biographicas. Registrando o movimento litterario contemporâneo, de que eram como que porta-estandartes,

3 Apesar de os ataques ao ultrarromantismo surgirem ainda na primeira geração romântica, pela pena de Almeida Garrett e mesmo de Antônio Feliciano de Castilho, foi Teófilo Braga, em sucessivos textos, que marcou os textos ligados a uma sentimentalidade exageradamente melancólica e fatídica, e a uma temática medievalizante, ou noturna e tenebrosa.

estas revistas são também peças importantes para a história da crítica, pois contêm em plena flagrância o juízo dos contemporâneos, exemplificam métodos críticos e expõem idéias literárias. [*sic*] (FIGUEIREDO, 1917, p. 243).

Portanto, ignorar essas produções literárias, sua circulação intensa nos periódicos, a popularidade que granjearam e o tipo de sociabilidade a que estavam ligadas torna menor um período que se vangloriava de ser lírico⁴. É obliterar também o papel social que essa literatura desempenhava, uma vez que, ao longo do Romantismo, foi valorizada como forma de desenvolvimento cultural na formação, ou regeneração, nacional em busca de um público que se queria cada vez mais alargado: jovens, mulheres e classes populares. Daí a importância da imprensa periódica tanto na difusão literária quanto na formação estética e sentimental ao longo do Oitocentos em Portugal. Não por acaso, José Tengarrinha, ao lançar luzes objetivas sobre a história da imprensa periódica portuguesa, chama sempre a atenção para o crescimento constante da importância do literário no periodismo ao longo do século: “O surto da imprensa literária atinge tão grandes proporções que se deve considerar um dos mais importantes factos culturais desse tempo em Portugal, sendo expressão da afirmação do movimento romântico entre nós” (TENGARRINHA, 2013, p. 553).

Isto é, o desenvolvimento da imprensa periódica em Portugal ao longo do século XIX se deu sobretudo a partir da instauração do liberalismo em 1834, quando passou a haver um incremento de tipografias e de publicações, inclusive acompanhado da diversificação de títulos por gêneros e público. O aumento de publicações é acompanhado por uma valorização da literatura nesses meios, atravessando as diversas mudanças políticas:

4 Aqui, cabe um alerta de Jorge de Sena: “se o historiador busca a sua caracterização do período apenas nos grandes escritores (e entre eles deveria não esquecer aqueles que, no seu tempo, foram supostos grandes e diminuíram de estatura na medida em que a dos outros se avantajou por um processo em que, na maior parte, o período não tomou parte, mas a posteridade), corre grandemente o risco de caracterizá-lo em termos que não foram suficientemente gerais ou sequer foram comuns às tais maiores figuras. A história literária portuguesa, com a sua habitual concentração exclusiva nas grandes figuras como grandes, tem estado sempre situada neste dilema” (SENA, 1974, p. 70).

A abundante produção literária que irrompera com o setembrismo é retomada, com não menor intensidade, após a guerra civil (1846-1847), sobretudo desde 1848. A literatura continua a ter grande presença no jornalismo, quer com os periódicos especificamente literários quer nos instrutivos e recreativos ou mesmo nos políticos. Incluindo uma parte de literatura num jornal de qualquer género procurava-se atrair leitores, nomeadamente os muitos que se enfastiavam com as intensas polémicas políticas que frequentemente descambavam em insultos pessoais. (TENGARRINHA, 2013, p. 686).

Esse processo pode ser observado nos jornais e revistas portuguesas digitalizados pelo projeto *O Real em Revista*⁵. Esse conjunto seleto do vasto acervo de periódicos oitocentistas do Real Gabinete Português de Leitura apresenta uma variedade de títulos de diversos géneros atravessando todo o século. Dessa forma, mesmo sabendo que “a rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar” (SOCORRO, 2007, p. 30), incluindo géneros tão diversos como poesia, história, crítica e ciências, há muitos textos literários nos jornais e revistas digitalizados. Mesmo no primeiro periódico culinário em português, o *Annona ou Mixto Curioso* (1836-1837), o leitor encontra, além das receitas, contos, narrativas mitológicas e poemas. Estes últimos trazem ainda ecos do Arcadismo, publicando textos da Viscondessa de Balsemão e do Bocage, alguns tantos escritores desconhecidos e mesmo poetisas ocultas por pseudônimo, seguindo o decoro recomendado da época, e alguns poemas de Castilho⁶. Pode-se verificar

5 O projeto *O Real em Revista* contou com apoio Petrobras Cultural. Além da descrição e da digitalização de parte do acervo de periódicos do Real Gabinete Português de Leitura (priorizando a raridade e a deterioração mais evidente) e sua disponibilização online, para acesso de todos os interessados e estudiosos mundo afora, ainda realizou intercâmbio com pesquisadores de outros estados, inauguração de visitas guiadas no Real Gabinete, produção e divulgação de DVDs, publicações de livros, encontros, seminários, palestras, exposições e recitais. Mais informações em www.orealemrevista.com.br

6 Os do Castilho são do livro *Amor e Melancolia*, de 1828, que o David Mourão-Ferreira diz que “apresenta, sob inúmeros aspectos, características incomparavelmente mais modernas que, por exemplo, ainda mesmo as *Flores sem Fruto*, de Garrett, que são de 1845” (MOURÃO-FERREIRA,

também a presença de textos eminentemente literários também em jornais políticos como *A imprensa e a lei* (1854-1856), com seus folhetins, e, claro, em jornais de instrução e recreio tais como *O mosaico* (1839-1840) ou *O mundo elegante* (1863), inclusive com maior espaço destinado à literatura, como a *Miscellanea Litteraria* (1860-1861).

No entanto, é possível destacar um conjunto de periódicos literários desse acervo digitalizado. Essas revistas são herdeiras d’*O Trovador*, que popularizou o modelo de folha de poesia seguido por diversos outros semelhantes, sobretudo em Coimbra e no Porto, nas décadas de 1850 e 1860. Essa folha, que publicava um grupo de poetas ao redor de João de Lemos, como Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, Augusto de Lima, Palmeirim, Pereira da Cunha e Serpa Pimentel, foi aclamada por Castilho nas páginas da *Revista Universal Lisbonense*⁷. “A sua feição predominantemente introspectiva, cingida aos sentimentos individuais, mantinha-o à margem dos conflitos que então abalavam a sociedade, bem como das novas tendências literárias que então se desenvolviam, embora reivindicasse modernidade” (TENGARRINHA, 2013, p. 589).

Assim, a leitura de alguns periódicos, nomeadamente *A Lyra da Mocidade*: jornal de poesias ineditas (1849), *A Semana*: jornal litterario (1850-1852), *Miscellanea Poetica*: jornal de poesias ineditas (1851-1852) e *Hymnos e Flores*: jornal litterario (1862-1863), pode revelar para muitos um lado desconhecido do Romantismo. Além de nomes canônicos como Almeida Garrett, Alexandre Herculano, ou mesmo um Camilo Castelo Branco poeta, há diversos escritores hoje desconhecidos do grande público. Inclusive, é possível ver como se articulavam ao redor de uma revista literária e observar o que era então veículo privilegiado de divulgação literária, o periódico. Além disso, é possível notar que havia sim escritoras naquele período, praticamente todas apagadas das histórias da literatura e apenas recentemente relacionadas, lidas

1976, p. 47). É o livro que este crítico considera o melhor de Castilho, por ser uma encruzilhada de características da poética do século anterior e de muitas outras que no futuro se confirmariam. Inclusive, o poema “A sesta”, presente na *Annona*, apresenta, segundo ele, “uma sensualidade já toda parnasiana muito *avant la lettre*” (MOURÃO-FERREIRA, 1976, p. 47).

7 Para melhor compreender a relação entre Castilho e os poetas do Trovador, que não era homogênea como alguns estudos defendem, ver o artigo de Eduardo da Cruz (2013): “Antônio Feliciano de Castilho e a seleção de poetas para a *Revista Universal Lisbonense* (1842-1845).

e estudadas. É a possibilidade de ler o que era produzido naquele tempo antes que a crítica posterior soterrasse esses textos com o esquecimento do tempo. Como explica Socorro Pacífico Barbosa,

Expulsos da história literária, esses anônimos entram em cena a partir do momento em que o periódico é tomado como suporte e fonte primária, por onde circularam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita. (BARBOSA, 2007, p. 40).

O leitor contemporâneo, que tem agora à disposição esses jornais literários disponibilizados na Internet, pode ler esses textos que estavam restritos a prateleiras de poucas bibliotecas, perceber seu suporte, estabelecer relações entre eles ou com os textos canônicos que conhece, possibilitando a revisão da leitura proposta pela historiografia literária. Esse material torna-se também novas fontes de pesquisa e permite outra apresentação da literatura desse período em sala de aula.

Humor, erotismo e morte em revistas de poesia do Porto: *A Lyra da Mocidade* e *Miscellanea Poetica*

A Lyra da Mocidade, revista publicada no Porto, trouxe a lume, em 1849, a produção poética de um grupo de quase vinte rapazes⁸ com “muito sangue na guelra e pouco dinheiro nos bolsos” (SERRÃO; MARQUES, 1987, p. 341). Apesar de não ter sido o suficiente para firmar seus nomes no cânone literário português, a performance artística e biográfica desses poetas marcou época e, de certa forma, influenciou a produção de escritores mais renomados como Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão⁹. A elegância do vestuário, cuidada até ao último pormenor e calculadamente

8 Entre eles estavam: Alexandre José da Silva Braga Júnior, Augusto Luso da Silva, António Frutuoso Aires de Gouveia Osório, António José de Azevedo Guimarães, António Marques Rodrigues, António Moraes, Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, António Teixeira de Macedo, Claudino Pereira de Faria, João António Ferreira Rangel, Jorge Artur de Oliveira Pimentel, Joaquim Marcelino de Mattos, José Frutuoso Aires de Gouveia Osório, António Coelho Louzada, Manuel José da Silva Rosa, Sousa Guimarães, T. Augusto.

9 Joel Serrão e Oliveira Marques, em *Nova história de Portugal*, apontam que esse ambiente de

passeada nos lugares da moda, somada a um lirismo bastante sentimental e um bocado erótico, declamado pelas ruas da cidade invicta como se fosse um convite para que as donzelas solitárias viessem gozar de seu tédio muito bem acompanhadas, fazia com que os trovadores da revista tivessem um cativo público leitor.

Classificados tradicionalmente pela crítica literária como exagerados ultrarromânticos¹⁰, os poetas da revista, na verdade, tinham a nítida intenção de se filiar “ao mestre” Alexandre Herculano. Isso fica evidente na dedicatória, nas repetidas epígrafes, nas citações e noutros diálogos com a obra daquele que por eles era chamado de “ornamento da literatura portuguesa”. De fato, a missão quase que religiosa e monástica “do bardo” de decifrar a linguagem da majestosa natureza, expressão máxima da onipotência de Deus, aparece logo nos versos que servem de prólogo para a revista, “A Invocação à Musa”, de Alexandre Braga: “Anda ensinar-lhe a lêr na luz dos astros:/ No sussurro dos mares, e das florestas,/ No ronco do trovão, mostra-lhe, oh Musa,/ A potência d’um Deus, a voz do Mundo” (*A Lyra da Mocidade* n. 1, 1849, p. 1). Sobre esses mesmos versos escritos pelo fundador da revista, Jacinto do Prado Coelho afirma que, devido a essa assinalação de uma cifrada linguagem natural existente no mundo, o poeta parece pressentir “a floresta de símbolos de Baudelaire” (1944, p. 63).

Contudo, na *Lyra*, textos mais graves e solenes dividiam espaço com muito humor e subversão. Alexandre Braga, parecendo compartilhar com o autor de *Eurico, o Presbítero* (1844) o mesmo apreço pelo passado histórico medieval, em “O Triunfo”,

exibicionismo de postura e de literatura criado por esses jovens poetas portuenses marcou o fim da adolescência e o início da vida adulta de Ramalho Ortigão e outros escritores da geração que os sucederia (1987, p. 341).

10 Jacinto do Prado Coelho, no primeiro volume de *A Poesia Ultrarromântica*, diz: “A *Lyra da Mocidade*, que se publica no Porto, é outra manifestação curiosa da sensibilidade e da arte ultrarromânticas: os poetas choram a vida [...], nos seus poemas perpassam rosas brancas desfolhadas, rostos macerados, cruces partidas, mochos, corujas, velhas torres de igreja e lagos saudosos (1944, p. 14). Já João Gaspar Simões, em *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*, afirma: “A *Lira da Mocidade*, órgão poético de todos aqueles que em verso se queixavam de não terem um só ente que viesse gozar a solidão com eles e cujo tema predilecto eram as tristezas do luar, as saudades do indefinível e os sonhos impossíveis” (1964, p. 192).

também encena os dilemas sentimentais de um bravo e leal cavaleiro. Mas, divergindo de Herculano e se aproximando das cantigas populares, comicamente, o campo de batalha ao qual o poema refere-se é o da sedução erótica. Nele, o guerreiro, mesmo jurando dedicar um amor puro e sincero a sua senhora, se vê abatido por uma belíssima e impetuosa contendedora:

- Eia! vamos! cavalleiro;
Chama á liça o teu corcel;
Desce a viseira do elmo,
Cobre o peito c'o o broquel,
Aos olhos da tua dama
Eu por mim, eu, sou revel.

- Esporea o teu ginete,
Vem, sem medo, pelejar:
Com a lança d' aço fino
Vem teus golpes fulminar;
Com teu escudo de ferro
Vem meus botes sustentar:

[...]

- Oh! Meus Deus! Eis-me vencido:
Contra ti não sei lidar:
Mulher! Mulher! Por piedade
Não me faças perjurar;
Tu venceste: mas agora,
Sabe também perdoar.

Contra o fogo dos teus olhos
Quais armas podem oppôr?
Eu confiava nos della,
Nos olhos do meu amor,
Mas teus olhos vencem tudo
Com seu mágico fulgor! (*A Lyra da Mocidade* n. 2, 1849, p. 30-31)

Nesse mesmo contexto da atração sexual ou de flerte literário, por meio de uma dicção bastante rimada e singela, semelhante à da tradição popular, os sujeitos

poéticos d' *A Lyra da Mocidade* frequentemente compararam ou metamorfoseiam as suas parceiras amorosas em infieis borboletas, em indiscretas abelhas e em ruidosas pombinhas. No poema "A Mariposa", de Silva Rosa Júnior, o eu lírico se queixa da inconstância da amada, que, como o inseto, não se detinha em apenas uma flor:

Porque voas
Mariposa,
Tão donosa
No vergel;
Das florinhas
Encantada
Namorada
Do seu mel

[...]

É volúvel,
Caprichosa –
Nem bondosa
Sabe ser;
Nem minora
Soffrimentos,
Que cruentos
Me faz ter!... (*A Lyra da Mocidade* n. 9, 1849, p. 129-130)

Cabe ressaltar que, esteticamente, algumas dessas descrições e comparações resultam, não só em gracejos, mas em modernas imagens pictóricas, cheias de cor, de forma e de movimento. Como Em "A Borboleta e a Mulher", de Alexandre Braga, o voo do borboleta, além de representar leveza, sensualidade e erotismo, conferem plasticidade visual ao poema: "Em torno á rôxa violeta,/ Sobre os juncos do paul,/ Vai adejando inquieta/ Matizada borboleta/ Com suas asas d'azul... (*A Lyra da Mocidade* n. 5, 1849, p. 69).

No rol dos perfis femininos retratados na *Lyra da Mocidade* também havia "voluntariosas donzelas" que, embora fossem devidamente incensadas, não correspondiam de forma alguma às cantadas dos jovens trovadores. Mas, contrariando o esperado de um grupo ultrarromântico, nem todos se desesperavam por conta da negativa e as divertidas "ingratas" também pululavam nas páginas da revista:

Tinha gestos, carinhos, sorriso,
Tão sublime como eu jamais vi;
Cativava d'amor - e cativo
Adorei-a e por ela morri.

Tinha a voz tão suave, tão bela,
Qual jamais estro algum lhe relata: -
Era linda, era meiga, era um anjo,
Era encanto de amor, mas... ingrata. (*A Lyra da Mocidade* n. 9,
1849, p. 160)

Nem todo erotismo apresentado pelos textos da revista era jocoso ou satírico. Tanto a irrupção violenta de desejos urgentes como a efetivação do ato sexual também receberam tratamento poético. Em "A Tempestade", de Antônio Aires de Gouveia Osório, as forças incontrolláveis da natureza são imagens empregadas para representar a intensa noite de amor narrada no poema. O brilho do sol que fere o cume do outeiro, o bulcão pesado que invade o tronco oco do castanheiro, a ígnea faísca que rasga o céu ao meio, a quilha do nauta que corta as ondas do mar, o som do trovão que soa no val profundo. Após ter saciado "o seu furor cruento", o sujeito poético, para afirmar que não teria sido o único a ficar satisfeito com o ato, a lua rebrilhava agora "co'a luz que o sol lhe emprestara" (*A Lyra da Mocidade* n. 4, 1849, p. 54-56).

O colorido da alegria e da jovialidade da *Lyra da Mocidade* também contava com o negro do luto. Em uma época em que a expectativa de vida ainda era muito curta devido a altíssimas taxas de mortalidade materna e neonatal, no caso de mulheres e crianças, e a numerosas baixas resultantes de conflitos bélicos relacionados à instabilidade política, no caso dos homens, além da medicina ainda incipiente pela falta de antibióticos, a morte fazia, de fato, parte do cotidiano. Antônio José de Azevedo faz a lira chorar ao invocar a memória de sua mãe: "Solta, oh lyra, triste canto/ De mistura com meu pranto,/ A infeliz já falleceu!/ Seu martyrio angustiado/ Seu coração desgraçado/ A negra terra envolveu". (*A Lyra da Mocidade* n. 8, 1849, p. 125-127). Guimarães Antônio Aires de Gouveia Osório publicou uma elegia escrita na ocasião do passamento de sua irmãzinha, uma "Tenra florinha dos jardins da vida/ Cortou a morte", que mesmo "Os carinhos da mãe inúteis foram/ para guardá-la" (*A Lyra da*

Mocidade n. 6, 1849, p. 80). João António Ferreira Rangel, que lutou na Revolução da Maria da Fonte, em 1846, escreveu sobre a carnificina da guerra civil: “No campo vi d’irmãos travar-se a luta./ O sangue espadanando... a barba hirsuta/ Ennastrada por elle... e a face enxuta/ Sem lagrimas verter!.../ Qu’ue eu lágrimas não tinha!... o sofrimento/ Havia-as estancado... o pensamento/ Pairava sobre horror, d’horror sedento/ Hia a morte buscar”. (*A Lyra da Mocidade* n. 7, 1849, p. 98).

Fazendo valer o título de antologia de obras poetas lúgubres, o tom fúnebre também aparecia em textos dedicados à amada que “sob a lousa da campa fria repousava”. Em “A Estrella e a Campa”, de Alexandre Braga, longo poema em décimas heptassilábicas, no qual sujeito poético diz contar com a cumplicidade da luz da lua e das estrelas para, em noites tristes e tenebrosas, abrir o sepulcro onde a amante jaz e lhe oscular o rosto ainda alegre e pulcro (*A Lyra da Mocidade* n. 1, 1849, p. 7). Além da aparente necrofilia, muitos desses poetas ainda afirmavam pensar em suicídio. No poema “A Despedida”, de António José de Azevedo Guimarães, o trovador afirma que o sofrimento causado por interditos e injustiças sociais e econômicas também poderia rimar com morte: “Melhor fôra neste instante/Delirante/ As minhas penas dar fim:/ Acabar com esta vida/ só nascida/ Para me carpir assim!” (*A Lyra da Mocidade* n. 5, 1849, p. 63).

Dentre os sofrendores, o caso de Jorge Artur de Oliveira Pimentel, o herói póstumo da juventude portuense da época, parece ser o mais impressionante. Em uma sociedade já capitalista e tradicionalmente estratificada, nem todos tinham os mesmos direitos e oportunidades. Jorge Artur, oriundo de uma família humilde e advogado recém formado, apaixonou-se perdidamente pela abastada Maria Augusta do Outeiro. O pai da moça fez valer todas as suas prerrogativas para se contrapor àquela união. Sentindo na pele que a mobilidade social assegurada pela meritocracia era uma falácia, o rapaz humilhado e desiludido atirou-se da ponte pênsil que, naqueles idos, ligava as duas margens do Douro. Como relata Camilo, em *Mulher Fatal* (1870), “Jorge Artur de Oliveira Pimentel só conhecia dois caminhos: o da igreja e o do suicídio. O da igreja atravancaram-lho porque era pobre. Encaminhou-se pelo outro” (1902, p. 42-43). O trágico epílogo do poeta acabou tendo como efeito colateral a atenção da mídia sensacionalista. A morte do rapaz atraiu ainda mais atenção para os poucos

versos que ele deixara publicados na revista. Alguns deles, os mais desesperançados e sofridos, comprovadamente não eram apenas reflexo de um estilo, mas testemunhos de uma época:

De soidão em soidão triste vagando,
Sem um contentamento p'ra minh'alma
Assim a vida passo.
Oh! esta vida, á mingua de prazeres,
Sem ter um coração onde se acolha,
É um viver que mata!
De que vale existir a sós no mundo,
Se do universo o ente mais perfeito,
Uma mulher - um anjo -
Gozar não vem da solidão comnosco,
Unindo rosto a rosto, peito a peito
Em deleitoso abraço?
De que vale sem ella o prado, as flôres?
De que valem imperios e riquezas?
O mundo de que vale? (*A Lyra da Mocidade* n. 5, 1849, p. 62)

A morte de Jorge Artur, de alguma forma, motivou uma constante e apaixonada troca de textos poéticos na *Miscellanea Poetica*, entre Maria da Felicidade do Couto Browne, a quinquagenária escritora e a anfitriã do primeiro salão literário que o Porto romântico conheceu, e Camilo Castelo Branco, cuja carreira literária dava ainda os primeiros passos e tinha apenas vinte e cinco anos. As poesias que simulavam um diálogo amoroso foram também publicadas em periódicos de prestígio e de grande circulação, como *O Nacional*, e renderam um novo escândalo. A situação acabou desagradando, sobremaneira, Ricardo Browne, o janota herdeiro da escritora, que chegou a trocar com o admirador da mãe sopapos, chicotadas e bengaladas em público. A contenda entre o escritor e o esgrimista defensor da honra materna culminou, anos depois, em um duelo ocorrido na Afurada, do qual Camilo, em evidente desvantagem, saiu com a perna ferida e, sobretudo, a vaidade pungida a cutiladas.

Por todas as questões aqui levantadas e por muitas que ainda esperam ser reveladas, ler os jornais poéticos do Porto tendo em vista o contexto econômico, social e político que não só condicionavam a produção, como também moldavam

as mentalidades e limitavam a trajetória pessoal de cada um daqueles rapazes e senhoras, é fundamental para comprovar a importância histórica e artística desses periódicos que devido a rótulos e preconceitos foram pouco estudados e hoje estão praticamente esquecidos.

IMPASSES DA LITERATURA ROMÂNTICA: A SEMANA

Apesar de muitos textos sobre revistas do Romantismo português apontarem repetidamente o valor d'*O Panorama*, sobretudo pelo papel de Alexandre Herculano na redação de alguns volumes, e da *Revista Universal Lisbonense*, principalmente nos primeiros anos, redigida por Antônio Feliciano de Castilho, como divulgadoras de literatura e formadoras de opinião, o escol de publicações de destaque não é pequeno e deveria incluir *A Semana* (1850-1852) como título de maior importância. Afinal, apesar dos contratempos dos projetos, que fizeram a empresa e a redação mudarem de mãos, colaboraram com essa revista, em um ou outro volume, os principais autores do período, como Herculano, Garrett e Camilo Castelo Branco, além de nomes que, na época, tinham destaque, como Castilho, João de Lemos, Latino Coelho, Silva Túlio, Antônio Pedro Lopes de Mendonça, Rebelo da Silva, Bulhão Pato e outros. É, inclusive, em suas páginas que ocorrem algumas estréias: Camilo Castelo Branco publica os primeiros 15 capítulos de *Anátema*; no segundo volume, Sofia de Roure Auffdiener de Oliveira Pimentel, segunda viscondessa de Vila Maior, publica um breve romance, “A flor milagrosa”, sob o pseudônimo “A. P***”; e Raimundo Bulhão Pato imprime ali suas primeiras narrativas ficcionais, “Sir John” e “O vento do levante”, escritas na Madeira.

Aparentemente, os dois volumes d'*A Semana*¹¹ parecem harmônicos. No entanto, a leitura dos textos da redação deixa claro que a revista passou por problemas e precisou mudar os redatores e mesmo seus proprietários. Isso faz com que os lei-

11 O Real Gabinete disponibilizou a primeira série, composta pelos dois primeiros volumes. Houve ainda um tomo III, ou primeiro volume da segunda série, com apenas seis números, terminando em agosto de 1852.

tores se deparem de fato com pelo menos dois jornais distintos. O primeiro volume tinha como diretor da redação o poeta João de Lemos – já famoso por seu papel de destaque junto ao grupo d’*O Trovador* – acompanhado por Manoel Maria da Silva Bruschy, Aires Pinto de Sousa e Jacinto Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro. É um volume mais próximo do que se imagina hoje uma revista literária, com muitos poemas, romances e também textos variados, sobretudo de crítica. Camilo Castelo Branco, além do romance incompleto, insere alguns de seus poemas¹², incluindo “A harpa do céptico”¹³ – cujas palavras de introdução exprimem bem o que era a poesia mais comum naquele tempo: “A poesia da actualidade é o poeta – é o homem e o seu desalento mortal – o insaciavel de sua alma e a queixa amarga do seu desesperar de todos os affectos.” (*A Semana* v.I n.36, set./1850, p. 287) –, e uma crítica aos jornais literários, por ocasião do lançamento da *Revista Del Medio-Dia*, redigida pelo poeta espanhol Luiz Rivera, enlaçando escritores dos dois países ibéricos. Camilo aproveita para atacar os temas que marcaram a poesia chamada ultrarromântica – “semsaborias metricas dessas potencias prodigiosas de rima” (*A Semana* v.I n.39, set./1850, p. 307) –, a tradução fácil de romances franceses que pululavam nessas folhas, e os chavões da crítica amável de elogio mútuo:

É solemnemente ridicula aos olhos de poucos a pertinacia escrevinhadora das mediocridades implacaveis! – O que não foi ao pôr do sol rever-se em aguas de cristal, ou sentar-se no pedestal de pardacenta cruz de cemiterio, ou esvoaçar inspirado por esses campos de anil, nas nuvens de carmesim, onde a meiga e casta lua, tão risonha fluctua, em roupagens de setim... esse, cuidaes vós que mede um covado de panno, ou pesa um arratel de perzunto no balcão de honra e estupido burguez? Não, senhores. Annunciae-le *Os Mysterios do Povo* atravez uma familia de proletarios, ou *Jeronymo Paturot*, ou as revoltantes indecencias de *Paulo Feval*, e tereis por 15 réis uma folha hebdomadaria de traducção *chefe d’obra, donde as remarcaveis e enivrantes scenas* ao *primeiro golpe de vista* reflectem no traductor,

12 Tanto com o próprio nome, quanto com o pseudônimo feminino “D. Carolina da Veiga Castello-Branco”.

13 Publicado anonimamente.

senão todo o brilho inventivo dos francezes, pelo menos – a formosura da phrase castiça, e torneada, como os proprios auctores, sem muito uso e ignorancia, difficilmente alinhariam.

Escrever, sem consciencia nem vergonha, como aqui se escreve, é uma das muitas desgraças peculiares a Portugal. (v.I n.39, set./1850, p. 307 – destaques do original)

A crítica de Camilo Castelo Branco não impediu que essas “sensaborias” se repetissem n’*A Semana*, inclusive a tradução de narrativas. A justificativa era que muitos escritores haviam deixado de colaborar por João de Lemos ter sido também redator de uma folha política, *A Nação*, abandonando o jornal literário por não coadunarem com suas vinculações partidárias. O primeiro volume ainda vem repleto de poemas de álbuns, por vários autores, a maioria sem expressividade mesmo naquele tempo. Talvez valha a pena ler a composição de Augusto Emílio Zaluar (que mais tarde emigraria para o Brasil), na qual ainda ecoam um horror às turbas, como na obra de Alexandre Herculano, e a questão romântica do poeta incompreendido, mas por fugir ao comum das poesias circunstanciais, laudatórias ou sentimentais do gênero vinculado ao álbum. O sujeito poético é já um homem na multidão das cidades, mas com dificuldade de percebê-la como motivo poético, procurando dissociar-se dela:

N’um album

Poeta por entre as vagas
Da turba que foge e vem,
Porque sósinho divagas
E não te acolhe ninguém?

A fronte vendo toldar-te
Das amarguras o veu,
Ninguém procura abraçar-te,
Ninguém te aponta p’ro ceu?

As solidões dão-te abrigo,
Da-te a noite inspirações,
E tu vives só contigo
De teus sonhos e visões!

É que a turba não conhece
Mais que o lodo em que viveu,
Gosa, passa, e adormece!
Mas o futuro? esse é teu. (*A Semana* v.I n.50, dez./1850, p.400)

O segundo volume, em seu prospecto, procura remodelar totalmente a revista. Silva Túlio, como diretor dos redatores, dividiu-a em 18 seções, procurando torná-la mais atrativa a diversos públicos. Também atacou o formato anterior, ridicularizando as poesias de álbuns – “archivos portáteis de necedades e semsaborias” –, e o próprio título, “pouco poético”. Túlio já tinha alguma experiência em periódicos instrutivos e literários, tendo sido, inclusive, cronista na *Revista Universal Lisbonense*, talvez por isso, tenha obtido rapidamente colaborações e incentivos dos principais escritores de seu tempo, a ponto de abrir o primeiro número sob sua responsabilidade com uma carta de Castilho e outra de Alexandre Herculano: “A publicação da SEMANA debaixo do novo desenho, parece-me um facto de certa importancia na historia litteraria contemporanea do nosso paiz.” (*A Semana* v.II n.1, jan./1851, p. 4). O que chamava a atenção do antigo redator d’*O Panorama* era a proposta de ser o novo periódico um veículo de crítica literária isenta: “Um jornal que julgue os novos escriptos, sejam de que natureza forem, sem se limitar a magro annuncio, moldurado n’uma dança macabra de sacristas – thurifarios da defuncta igreja patriarchal, cujas ruínas jazem á minha porta” (*A Semana* v.II n.1, jan./1851, p. 4).

Talvez pela atenção aos desejos de Herculano, Silva Túlio acabou transformando a revista num importante veículo de crítica literária. Pouca poesia foi publicada no segundo volume, com destaque para o “novo” Castilho de poesia social e utilitária, renegando o que poeta que fora, e para alguns nomes do antigo grupo de João de Lemos¹⁴, como L. A. Palmeirim, A. de Serpa, A. M. do Couto Monteiro e o brasileiro Gonçalves Dias. A leitura desse periódico, sobretudo com a direção de Silva Túlio, revela que os principais intelectuais já apontavam o cansaço de determinadas fór-

14 Apesar da insistência de Palmeirim para que Lemos publicasse ali um poema, o antigo redator se recusou por considerar, agora ele, que *A Semana* tinha carácter político – liberal – por Castilho ter defendido um monumento a D. Pedro, enquanto João de Lemos era fervoroso miguelista.

mulas, percebiam que algo precisava mudar, mas poucas alternativas ainda surgiam. Um exemplo claro é mais uma vez o ataque ao “poeta de álbuns”, que surge como o primeiro dos “tipos nacionais” apresentados, inclusive, com uma litografia revelando-o isolado, buscando inspiração, com seus longos cabelos desgrenhados (fig. 1):



Figura 1 - O poeta de álbuns

[...] ha poetas que nasceram para os albuns. É um fado que só a idade tem poder de quebrar; uma sina que se lhes lê nos olhos, logo que elles avistam um livro oblongo, ou qualquer caderno em branco. Á similhaça destes artistas funebres, que não sabem abrir lettras senão no marmore dos tumulos, e fazer elogios a defunctos, o poeta de albuns só sabe rimar em folhas encadernadas, e não faz senão exaltar perfeições, ainda que a dona do album seja uma furia! (v.II n.17, mai./1851, p. 197-198)

Apesar do ataque à juventude dos “poetas de álbum”, coube a José Maria Latino Coelho, então com apenas 25 anos, aproveitar o lançamento do primeiro livro de versos de Raimundo Bulhão Pato, dois anos mais novo, para apontar os problemas da poesia contemporânea. Latino Coelho segue as palavras de Camilo Castelo Branco ao criticar a artificialidade, por os poetas valorizarem apenas a forma pela variedade de metrifcação e de ritmo. As transformações sociais pelas quais estavam passando foram apontadas como a causa desse fenômeno:

E tudo isto é resultado do seculo em que vivemos. N’um seculo de confusão e de passagem, os sons da lyra são confusos e discordes. Situados no atrio de um novo templo, o da civilisação material e posi-

tiva em que vamos entrar, cremos que ainda nos arrebatava um entusiasmo que pertenceu a uma idade já morta, e entoamos os canticos de um rito abolido. [...] Era impossivel tirar sons poeticos da bigorna e da machina de vapor, porque o positivo da utilidade lhe tem dado na arte um caracter irrestível de baixesa, e de villania que por ora não podemos combater. A poesia pastoral é hoje uma mentira, um ridiculo. A poesia indistrial, um absurdo. (v.II n.22, jul./1851, p. 247-248).

O crítico entende que seu tempo é o da revolução industrial, o da modernidade, mas não admite ainda que esse mundo novo possa ser tema poético, confirmando as ideias de Michael Löwy (aqui acompanhado por Max Blechman) para quem o Romantismo é “la protestation culturelle contre la civilisation capitaliste moderne au nom de certaines valeurs du passé” (LÖWY; BLECHMAN, 2004, p. 3). Latino Coelho continua seu texto reclamando que também as mulheres, as musas, já não podiam mais ser cantadas, pois estavam abafadas nos salões pelos disfarces da civilização. Ele indica então uma saída aos poetas:

Poetas que vos dizes inspirados pela musa romantica! – temperai o vosso alaúde, e cantai amores [...] cantai o amor pagão, não sejais todos alma, todos amor, todos idealidade, todos fantasias; sede tambem mundo, tambem capricho, tambem orgulho. Cantai o praser e a orgia, e deixai ver por detraz do veo transparente do amor ideal, o angulo da mesa do festim, e o coxim do triclinio. (*A Semana* v.II n.22, jul./1851, p. 248).

O crítico considera que Bulhão Pato não se rendeu aos excessos do culto à forma comum em outros poetas: “Quasi se póde dizer que para entender a lyrica actual é preciso transportar a alma para o ouvido, e reduzir o typo esthetico da poeia para a gamma diatônica”. (*A Semana* v.II n.22, jul./1851, p. 249). Isso, no mesmo número em que A. de Serpa elogia a publicação do *Tratado de Metrificação Portuguesa*, de Castilho, e seus preceitos, já presentes na poesia de João de Lemos, que muitos usavam como exemplo a ser seguido: “é sem duvida a esta nova melodia e primor de fórmula que elle e os outros cultores da musa contemporanea – e nisto não podem taxar-nos de suspeito – devem uma parte, uns dos applausos, outros do favor com que têm sido recebidas as suas composições” (*A Semana* v.II n.22, jul./1851, p. 247). Bulhão Pato,

ao contrário, segundo Latino Coelho, teria buscado simplicidade estética e sido original em suas poesias eróticas, como em seus “Versos a Julia ***”, que terminam assim:

Eu sei que naquele instante
O prazer me enlouqueceu.

Que fatal loucura aquella!...
Tinha-me alli tão perdido,
Que sem mais ver, delirante
Nos braços te arrebatei.

Não sei por onde vagava,
Nem quanto, nem como andei;
Só me lembra que a ventura
Alli real me fallava,
E que aos incertos lampejos
Das estrellas desmaiadas,
Imprimi ferventes beijos
Nas tuas faces rosadas.

... Foi breve aquelle delirio,
Ao menos breve o julguei;
E quando outra vez á vida
De sobresalto voltei,
Desbotada como um lyrio
Pelos vendavaes batido,
Nos meus braços te encontrei!
(*A Semana* v.II n.27, ago./1851, p. 306)

O final do poema mostra que Raimundo de Bulhão Pato, poeta praticamente ignorado dos leitores de hoje, começou sua carreira literária valorizado pelo erotismo de seus poemas. Essa cena de “fatal loucura” é o momento do encontro sexual com a Júlia, que teria acontecido como “breve delírio”, impedindo-o de revelar detalhes, seguindo o decoro da época, mas deixando-a, ao que tudo indica, morta em seus braços.

Assim, a leitura dos dois volumes d’*A Semana* permite encontrar os principais escritores portugueses de meados do século XIX, tanto em prosa quanto em verso. Além disso, mostra quase um impasse quanto aos rumos que a poesia romântica deveria

seguir. Ao mesmo tempo em que se critica a banalidade da poesia de álbuns, muito em voga, os lugares comuns do ultrarromantismo e a artificialidade de se obrigar a inspiração poética a contorções estéticas para alcançar efeitos sonoros, valoriza-se o tratado de metrificação, que inspirará, mais tarde, os parnasianos. Esse impasse parece ecoar ainda o debate entre filintistas e elmanistas do início do século XIX.

Nota-se também que o mundo urbano, industrial, moderno, não era visto ainda como tema poético, apesar do incômodo que causava aos poetas. Para fugir à artificialidade dos amores idealizados e irrealizáveis, a amada morta nas noites de luar, que já faziam sucesso e continuariam a fazer, Latino Coelho preconizava o real, o corpo, o erotismo.

UM JORNAL LITERÁRIO DE COIMBRA: HYMNOS E FLORES

Apesar da proximidade com a famosa Questão Coimbrã, que, em 1865, opôs um grupo de jovens literatos de Coimbra ao antigo poeta Antônio Feliciano de Castilho por sua defesa de produções como *D. Jaime* (1862), de Tomás Ribeiro, e *Poema da Mocidade* (1865), de Pinheiro Chagas, a leitura de *Hymnos e Flores*, jornal literário editado naquela cidade, revela ainda a força da sentimentalidade romântica e da posição cimeira do poeta da *Primavera* no campo literário português. Inclusive, é facilmente perceptível na leitura desse periódico o modelo de sociabilidade instaurado por Castilho, seja no próprio jornal seja em saraus, festejos e outros eventos sociais.

Hymnos e Flores tinha como editor o escritor Alfredo Elísio Correia Pinto de Almeida, mas acabou por se afastar da edição no número 16, deixando essa tarefa a cargo de sua prima, Henrique Elisa Pereira de Sousa, que conseguiu sustentar um periódico literário até o fim do primeiro ano, com 24 números. De fato, apesar de assinar suas colaborações em Lodeiro, no distrito de Viseu, às margens do rio Douro, Henriqueta é presença constante no jornal, inclusive assinando a “Introdução”, com os objetivos da folha, divulgar poemas e romances, porque “O seculo actual merece uma especial menção e um logar distincto na historia, por ser elle o seculo das tentativas

na historia, por ser elle o seculo das tentativas litterarias de todo o genero.” (*Hymnos e Flores* n. 1, 20/11/1862, p. 1). Henriqueta Elisa entende que a poesia é o gênero com mais adeptos, contudo, “o romance é, não só muito deleitoso, e mais ainda do que a propria poesia, pela variedade de typos e scenas que apresenta”. Inclusive, defende ela que havia mais romancistas bons do que poetas. Por isso, há espaço para os dois gêneros no jornal desses primos, que também assinam produções em prosa e verso.

Esse talvez seja o ponto a se destacar nesse jornal literário, a produção de escritoras. Há um apagamento da produção literária de autoras oitocentistas, como se não existissem. Poucos nomes costumam ser lembrados, mesmo por especialistas. A leitura do *Hymnos e Flores*, com colaboração constante e posterior redação de Henriqueta Elisa de Sousa, é uma forma de se conhecer um pouco dessa produção feminina, algo que raramente se encontra em livros didáticos, em edições recentes ou em histórias da literatura. Além dela, destaca-se a presença forte da poetisa Amélia Janny¹⁵ no meio cultural coimbrão. Mais do que ter problemas seus poemas publicados nesse jornal, Janny é poetisa citada e reverenciada por outros escritores. Ao mesmo tempo, ela escreve e publica ali uma poesia em homenagem à Henriqueta Elisa, como exemplo claro de sororidade entre as autoras desse período como também do sistema de elogio mútuo tradicionalmente atribuído a Castilho e os escritores do seu grupo, do qual fazia parte a própria Amélia Janny.

Assim, vale a pena apresentar um pouco o que é essa literatura criada pela Henriqueta Elisa. O tema principal de suas obras poéticas é o sofrimento, a tristeza, algo comum na tradição lírica portuguesa, intensificado nessa fase do Romantismo. Além de poemas de formas mais complexas, com ou sem refrão, e estrofes de métricas múltiplas, há alguns sonetos, mantendo o mesmo tom, como os dois publicados após uma epígrafe de Soares dos Passos, cujo primeiro é aqui transcrito pelo tema metapoético e a reiteração do sofrimento incompreendido já apontado em poemas de outros jornais literários:

15 Recomenda-se aos interessados na obra da Amélia Janny o volume sobre essa poetisa na coleção “Senhoras do Almanaque” preparado por Maria Aparecida Ribeiro.

Soltei na minha lyra amargas queixas,
Que um echo não acharam noutra lyra.
Julguei que o sentimento era mentira,
Zombando de meus prantos nas endeixas.

Chorosa a musa, soltas as madeixas,
Só tristes cantos com terror m'inspira.
Apóz cortada sua vóz expira,
E clama e brada: "Porque não me deixas?!"

Não sabes, triste, que só posso dar-te
O fél amargo que a meus labios vem,
Em tristes notas que não vou contar-te?!

É curta a gloria que meu ser contem;
A par de magoas em que vou lançar-te
É grande o mal e mui pequeno o bem!
(*Hymnos e Flores*, n. 8, 1/3/1863, p. 57)

Interessante também perceber como Henriqueta Elisa se posiciona como romancista, afinal, era um gênero como menos cultoras justamente pela relação com a sociedade que era esperada por esse gênero. É, afinal, uma mulher assumindo uma voz pública, algo que ainda não era muito bem visto, apesar do esforço próprio de algumas escritoras e do apoio de alguns poucos literatos. Assim, apesar do tom moralista dos seus romances, algo defendido pela autora já na introdução do jornal como a principal utilidade do gênero, Henriqueta acaba por apresentar as posições distintas de homens e mulheres naquele momento, como na "Introdução" do romance "Anjo e mulher", que, inclusive, parece recuperar a dicotomia típica da literatura do período em dois arquétipos femininos:

Encontra-se mais abnegação na mulher do que no homem: não porque lhe falte a ele a coragem, mas porque não tem o heroísmo, que n'ella sobra [...]

O homem é um pouco mais egoísta da sua felicidade do que a mulher, porque, aprendendo desde creança a dominar, maior queda dá o seu orgulho, tendo de renunciar a uma ventura que julgava necessariamente sua. A mulher, pelo contrario, tendo sido educada

sempre com as ideias de respeito e obediência, e vaidosa em extremo dos dotes que por vezes lhe grangeiam a submissão do homem, tornado escravo de seus menores caprichos, a mulher, que mira sempre ocasiões em que se possa fazer notar, acções pelas quaes possa libertar-se do pesado jugo que lhe foi imposto logo ao nascer, a mulher, digo, muitas vezes se torna sublime, quasi impossivel, tendo por unico movel a vaidade só! Este desejo de dizer um dia ao homem: “Olha para mim e vê que valho mais do que tu” é o incentivo de quasi todas as grandes acções das mulheres. (*Hymnos e Flores*, n.º 1, 20/11/1862, p. 2).

Além disso, a leitura do periódico revela algo sobre a sociabilidade do período e a repetição de processos que deram destaque a alguns poetas ao longo do Romantismo em Portugal. Em 1822, Antônio Feliciano de Castilho, então estudante em Coimbra, fez um deslocamento com amigos poetas até a Lapa dos Esteios, às margens do Mondego, para uma festa poética, dando origem ao seu livro *A Primavera*. Em 1844, João de Lemos e outros jovens poetas ligados ao periódico *O Trovador* repetiram o feito e homenagearam Castilho. Com isso, foram aclamados por este nas páginas da *Revista Universal Lisbonense*, numa troca mútua de prestígio, ou seja, os jovens ganharam visibilidade e o poeta da geração anterior modernizava-se como mestre do que era novidade, ligando todos eles a uma genealogia poética coimbrã que remontaria a Camões. O n.º 13 do *Hymnos e Flores* revela a retomada desse passeio poético à Lapa dos Esteios, então já rebatizada de Lapa dos Poetas. Quatro colaboradores recorrentes desse jornal deslocaram-se de barco até esse local no dia 10 de maio de 1863 e escreveram sobre isso. Coube a A. A. F. P. (provavelmente Abílio Augusto da Fonseca Pinto, nascido em 1834, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, colaborador de diversos periódicos científicos e literários publicados naquela cidade) relatar em “Um passeio à Lapa” esse evento, do qual fizeram parte, além do próprio, Carlos (assinando C. P.), autor de “Ode anacreontica (Imitação de Bocage)”, Luiz Carlos, autor de “Anacreontica”, e Antônio (assinando A. V.), que escreve uma charada em três quadras. A narrativa de Abílio Pinto retoma ações e expressões dos companheiros que dialogam diretamente com os poemas ali publicados, retomando a ideia de ser aquele passeio a inspiração para as criações poéticas. É o mesmo movimento, também presente ao

longo da revista, de valorização do “mito literário coimbrão, relevando com justeza o elemento de exaltação lírica perante a natureza circundante” (MACHADO, 1999, p. 22), tal como nas congêneres *O Trovador* e *O Novo Trovador*, da mesma cidade. Esse evento praticamente obscuro na história literária e cultural portuguesa foi também a tentativa de se fazer perdurar a estética romântica e de se obter alguma glorificação aos participantes, tais como ocorrera com as gerações anteriores. Infelizmente, para esses jovens escritores, contemporâneos seus de Coimbra se insurgiriam contra esse tipo de literatura e de participação no campo literário.

O QUE REVELAM AS LEITURAS

Como apontado ao longo deste texto, a leitura de revistas literárias do Romantismo português revela, nas palavras de Fidelino de Figueiredo, “uma curiosa e meritória galeria de individualidades”. Estão em suas páginas, claro, os escritores que hoje são considerados canônicos, os que foram grandes em seu tempo e decaíram, e muitos que tiveram visibilidade fugaz ou foram praticamente ignorados então e agora. Ler hoje essas revistas permite acessar, portanto, esses textos esquecidos. Sobretudo, o contato com esses periódicos lança luz sobre diversos nomes de mulheres que, afinal, ousaram escrever e publicar suas obras em meio a uma sociedade misógina que procurava controlar o que liam e o que pensavam. Procuramos chamar atenção para a presença dessas autoras, algumas reconhecidas em seu tempo, como Amélia Janny, Henriqueta Elisa, Maria Browne, ou cuja obra ainda atraía leitores mesmo após sua morte, como a Viscondessa de Balsemão (presente sobretudo na *Miscellanea Poetica*).

Mais interessante, no entanto, não é apenas ler o que a historiografia literária soterrou, é perceber como esses textos eram lidos em seu próprio tempo. A leitura de um desses periódicos permite reconhecer a revista de literatura como importante veículo de difusão de poesia. Também possibilita identificar diálogos e relações entre textos de diferentes autores num interessante jogo de sedução ou mesmo como forma de elogio mútuo. Destaca-se, inclusive, como, já em seu momento de produção, muitas das fórmulas poéticas eram criticadas por sua artificialidade e pela valorização

excessiva dos recursos sonoros em detrimento do conteúdo, ao mesmo tempo em que poetas exímios na composição formal eram valorizados, como Antônio Feliciano de Castilho e João de Lemos. Sem perceberem o mundo urbano da sociedade industrial como tema poético, esses escritores voltavam-se para o ideal repetindo imagens gastas em composições que procuravam novas rimas e métricas.

Surpreendente na leitura dessas revistas românticas de poesia é o erotismo, apesar de todo o decoro de uma estética que não devassava alcovas. Mesmo antes da publicação das *Folhas caídas* (1853), de Garrett, é possível perceber modos variados de desenvolver conteúdo erótico nos poemas, seja por metáforas e alegorias, seja pela idealização do encontro, ou mesmo por sua deliberada omissão que o faz percebido apenas pelos vestígios do ato.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- COELHO, Jacinto do Prado. *A Poesia Ultrarromântica*. Vol. I. Lisboa: Livraria Clássica, 1944).
- CASTELO BRANCO, Camilo. *A Mulher Fatal*. Porto: Parceria Antónia Maria Pereira, 1902.
- CRUZ, Eduardo da. António Feliciano de Castilho e a seleção de poetas para a *Revista Universal Lisbonense* (1842-1848). In *Miscelânea: revista de literatura e vida social*. v. 14. Assis/SP: UNESP/Assis, jul.-dez., 2013.
- FIGUEIREDO, Fidelino. “Sobre o genero bibliographico: Revista”. In: _____. *Estudos de Litteratura: artigos varios*. Primeira serie: (1910-1916). Lisboa: Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1917.
- LÖWY, Michael; BLECHMAN, Max. “Qu’est-ce que le romantisme révolutionnaire” *Europe*, 82e année - N.º 900 - Le Romantisme Révolutionnaire. Avril, 2004.
- MACHADO, Álvaro Manuel. “Estudo introdutório” in: O TROVADOR / O NOVO TROVADOR. Edição segundo as primeiras edições (1848/1856). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1999.
- MOURÃO-FERREIRA, David. “Ao encontro de Castilho”. In: *Sobre Videntes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1976.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. *Amélia Janny: 1842-1914*. Estudo, antologia e bibliografia por Maria Aparecida Ribeiro. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL; CICS.Nova, 2018.
- RODRIGUES, Ernesto. “Garrett no jornalismo”. *Revista Camões* n.º 4 jan-mar/1999. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no04-almeida-garrett.html>> Acesso em 06/07/2020.
- SENA, Jorge de. “Para uma definição periodológica do Romantismo Português” . In AA.VV.. *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Grémio Literário, 1974.

SERRÃO, Joel; MARQUES, Oliveira, *Nova história de Portugal*. Vol. 10. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

SIMÕES, João Gaspar. *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*. De 1189 a 1964. Lisboa: Arcádia, 1964.

PEREIRA, Augusto Xavier Silva. *Diccionario jornalístico portuguez*, Portugal\Academia das Ciências de Lisboa, Mss. série Azul, nº 445, (Manuscrito digitalizado em CD) [1895].

TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: das origens a 1865*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.